



Reflexões de uma psicanalista sobre a criança na sociedade ocidental de hoje

Florence Guignard, Paris*

Este trabalho investiga as consequências das mudanças estruturais na sociedade ocidental, focando no impacto da tecnologia de comunicação e estruturas familiares cada vez mais frágeis. Descreve a dissolução de relações sociais e relações humanas íntimas, que acredita-se estejam sofrendo um processo de de-simbolização. Esta erosão das relações humanas confronta os indivíduos com novas demandas no aspecto econômico de seus instintos pulsionais e com novas formas de ansiedade. A autora argumenta que a globalização da comunicação virtual muda radicalmente a conexão com a realidade e a verdade e que o risco de mentalidade de grupo, em contraste com responsabilidade pessoal está aumentado. É colocada ênfase especial no desaparecimento do período de latência na sociedade contemporânea. Para Freud o período de latência – há cem anos – era baseado no desenvolvimento sexual difásico, repressão e Nachträglichkeit, alicerces da elaboração de sua teoria de neurose infantil e neurose transferencial. O trabalho discute as consequências das mudanças contemporâneas para a clínica e teoria hoje, assim como o impacto destas mudanças na transferência/contratransferência no tratamento analítico de crianças e adolescentes.

Descritores: Sociedade ocidental hoje. Comunicação virtual. Formação de símbolos. Período de latência. Modelo de neurose. Nachträglichkeit.

* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



“Penso que não devemos elaborar teorias – elas devem surgir inesperadamente em nossa casa, como hóspedes que não foram convidados, no momento em que estamos envolvidos com a análise dos detalhes”.
(Freud, 1915)¹

Introdução

A sociedade ocidental tem sofrido modificações estruturais em ritmo crescente. O fantástico desenvolvimento das técnicas de comunicação e de suas aplicações vem somar-se à fragilização e às profundas mudanças das estruturas familiares, constituindo tantos novos fatores que o desenvolvimento das crianças nos dias de hoje deve enfrentar.

Este artigo registra minhas numerosas interrogações. O número de questões levantadas é infinitamente maior do que as soluções propostas. Não se trata de modo algum de um ponto formal e categórico sobre a situação de um problema cujos parâmetros atuais e, sobretudo, futuros não sou capaz de avaliar em sua totalidade. Penso que muito tempo e trabalho em conjunto serão necessários para aprofundar as questões levantadas aqui.

Minha reflexão atual versa sobre os seguintes fatos: o duplo impacto social e digital que atinge todas as crianças do final do século XX e, mais ainda, aquelas do início do terceiro milênio provoca mudanças consideráveis nos processos de desenvolvimento e nos modos de adaptação propostos pelo ambiente ao funcionamento psíquico dessas crianças. Trata-se de um fenômeno de segunda ou até mesmo de terceira geração, tendo efeitos específicos e duradouros, com os quais o psicanalista se depara cada vez que é solicitado para examinar ou tratar uma criança.

O advento da pessoa humana na sociedade da qual ela faz parte

As relações do indivíduo com a sociedade dependem da respectiva evolução de cada uma das duas partes. Ora, a sociedade ocidental atual não tem muita coisa

¹ Carta de Freud a Ferenczi enviada em 31 de julho de 1915, ou seja, três dias após Freud lhe ter enviado o manuscrito de *Neurose de transferência: uma síntese*.



a ver com a sociedade da Europa central no seio da qual Freud cresceu. No sistema de valores ocidental atual, o desenvolvimento da vida psíquica do indivíduo – campo do qual a psicanálise se ocupa – tornou-se secundariamente importante em relação aos critérios de eficácia e adaptação a um ambiente que, por sua vez, se modificou com muita rapidez ao longo das últimas décadas. O fantástico desenvolvimento dos meios de informação imediata – e de desinformação – acerca dos fatos que acontecem no mundo inteiro alia-se ao crescimento igualmente considerável dos meios de comunicação com os *outros*, sendo muitas vezes difícil ou mesmo impossível saber se estes “outros” são seres humanos reais, seus *avatars* ou robôs mais ou menos aperfeiçoados². A tessitura sutil que tradicionalmente existia entre os diferentes níveis de relação social e a relação de verdadeira intimidade do sujeito com ele mesmo e com os mais próximos desagregou-se e, por isso, dessimbolizou-se. Esse estado incerto das relações humanas confronta o indivíduo com novas exigências da economia de suas pulsões e, portanto, com novas formas de angústia (Castoriadis, 1996). Nesse contexto, a globalização da comunicação virtual não pode realizar-se sem modificar radicalmente a relação com a verdade, tampouco sem aumentar o risco de ver a *mentalidade de grupo* (Bion, 1959) sobrepor-se ao pensamento pessoal.

Várias gerações se sucederão até que seja possível integrar essa neorrealidade do virtual numa civilização que, durante o mesmo período, será influenciada por tal neorrealidade em proporções e direções impossíveis de avaliar em curto prazo. A questão da transmissão intergeracional apresenta-se, então, em novos termos. Filho de pais que nasceram durante *Les trente glorieuses*³ [Os trinta gloriosos anos], um jovem intelectual declarou recentemente desejar escrever um livro que teria como título: *Pais, vocês não nos transmitiram nada...?* O que pensar deste estado de coisas?

² A imprensa belga relatou recentemente o caso de uma internauta que processou outro internauta sob a acusação de que este violou seu avatar. Imagina-se o campo político que isso abriria se um tribunal considerasse que o caso devesse ser julgado e o internauta fosse condenado.

³ “Les Trente Glorieuses”: Expressão forjada pelo economista francês Jean Fourastié para designar os trinta anos de prosperidade do Ocidente, estendendo-se de 1945 a 1974. Durante esses trinta anos, o mundo presenciou principalmente as primeiras bombas de hidrogênio (Hiroshima e Nagasaki, 1945), a guerra da Argélia (1954-1962), a guerra franco-indochinesa (1945-1954), seguida da guerra americano-vietnamita (1959-1975), e o assassinato de John Fitzgerald Kennedy (1963). 1968 foi, sobretudo, o ano da Primavera de Praga, do assassinato de Martin Luther King, da descoberta do genoma humano, do movimento de maio de 68 na França e do movimento *hippie*, surgido nos EUA, com a criação de *Hair* e seguido de *Woodstock* em 1969. Por fim, no ano de 1974 presenciou-se a queda das duas últimas ditaduras do oeste europeu: em Portugal (a Revolução dos Cravos) e na Grécia (o Regime dos Coronéis).



O virtual e os princípios do funcionamento psíquico

A aceleração das tecnologias da informação, da comunicação e da simulação não modifica somente nossos atos, mas também nosso modo de pensar. O mundo da *internet* permite explorar a quase totalidade do saber humano e difundir quase instantaneamente as descobertas realizadas nas áreas mais diversas e especializadas do conhecimento. Os desenvolvimentos da inteligência artificial e das nanotecnologias, as pesquisas em biologia, em genética e em psicofarmacologia lançam, em particular, questões fundamentais sobre a identidade do ser humano, que se situa hoje numa nova relação com a sociedade humana, cuja mudança, por sua vez, foi considerável.

Do ponto de vista da comunicação, a civilização da *internet* favorece trocas diretas de um ser humano com outros, fora de seu meio de vida habitual e a despeito das distâncias tanto geográficas quanto sociológicas. Ela modifica em profundidade e de forma inédita a posição do indivíduo em relação ao sentimento de solidão, sentimento este cuja elaboração foi considerada, até então, como inerente ao desenvolvimento psíquico normal. Ao mesmo tempo, o investimento do sujeito em sua vida psíquica e em sua autonomia de pensamento modifica-se segundo novos parâmetros cuja verdadeira medida ainda não se conhece e cujo verdadeiro alcance para o futuro da estrutura psíquica ainda não se consegue avaliar.

Assim, o psicanalista tem o dever de confrontar o mundo virtual com seus critérios metapsicológicos de base, na esperança de compreender o primeiro e estender o campo dos segundos. Muitos de nós já nos dedicamos a isso há alguns anos⁴.

Parafrazeando a famosa pergunta do arquiteto Louis Kahn: “o que quer o tijolo?”, Sherry Turkle (1997; 2009) pergunta-se: “o que quer a simulação?”. Sua resposta é eloquente:

As simulações pedem ou mesmo exigem uma imersão, e seu benefício é claro. Os arquitetos constroem edifícios que eram inimagináveis antes do desenho virtual; os cientistas determinam a estrutura das moléculas manipulando-as no espaço virtual; os médicos praticam a anatomia em seres humanos digitalizados. No entanto, imersos na simulação, somos

⁴ Ver principalmente: Sherry Turkle, *Life on the screen. Identity in the age of internet*, 1997 bem como várias obras recentes de Serge Tisseron e a obra coletiva intitulada *L'enfant au risque du virtuel*, 2006, de S. Tisseron, S. Missonier et M. Stora, Paris, Dunod. Ver também minha conferência (não publicada) proferida no CAPSA do Congresso da IPA, realizado em Berlim em 2007.



vulneráveis. As perdas são tantas quanto os ganhos. Os cientistas mais velhos descrevem uma jovem geração ‘embriagada pelo código’. Os jovens cientistas, engenheiros e desenhistas, cidadãos totalmente inseridos no mundo virtual, esforçam-se para obter o conhecimento tácito que possuem seus mentores sobre os edifícios e os corpos. Nas duas beiras de um fosso geracional, encontra-se a angústia de que, com a simulação, algo importante esteja nos escapando. (Turkle, 2009, p. 129)

Começarei pela enumeração de alguns temas de reflexão, reservando-me o direito de aprofundar alguns deles na sequência dessas reflexões:

1. O mundo virtual permite e favorece trocas diretas de um indivíduo com outros que lhe eram totalmente inacessíveis até então, por razões geográficas e sociológicas. No jogo desses encontros virtuais, as regras, implícitas ou explícitas, estimulam a se travestir e a escamotear o papel da diferença dos sexos e das gerações. Estes dois critérios, portanto, não têm mais o papel tradicional que lhe atribuímos e cujo reconhecimento é parte integrante, para o psicanalista, da realização do complexo de Édipo. Podemos, então, nos questionar quanto ao porvir dessa organização de base da neurose infantil.

2. Esse novo campo muito extenso de relações que o virtual constitui tem incidência na rede das relações geográfica e psiquicamente mais próximas que são a família e o ambiente escolar e social da criança. Podemos, pois, nos indagar se, e como, ele interfere na estruturação das capacidades afetivas e relacionais da criança. De fato, a comunicação proposta pelo virtual compromete mais o investimento dos conhecimentos e dos desempenhos do que o das emoções e do desenvolvimento do pensamento que delas decorre (Bion, 1961).

3. O virtual mantém com o princípio de prazer/desprazer e com o princípio de realidade relações muito diferentes daquelas que a fantasia mantém: ao passo que uma organização projetiva muito intensa, ou mesmo patológica, é necessária para que o sujeito confunda a fantasia com a realidade, o virtual propõe uma ilusão de real que permite dispensar o trabalho psíquico de ligações e transformação necessário às boas relações entre o mundo psíquico interno e a realidade externa.

4. O universo virtual é um universo de simulação e, como tal, presta imensos serviços à pesquisa em todas as áreas. Falta-lhe, no entanto, o próprio critério do desenvolvimento da identidade individual: *ensinar a incerteza*, (Guignard, 1990), aceitar o aleatório. Todos os defensores dos *videogames* louvam as qualidades de domínio e a revalorização narcísica possibilitadas pela sua prática. A dimensão relacional é aí implicitamente tratada mais como um valor a ser administrado do que como um componente do desenvolvimento psíquico da personalidade e da



qualidade da relação de objeto. Trata-se de uma mudança de vetor não desprezível que reflete bem a mudança de sociedade que estamos atravessando. Somente a teoria quântica (Ortoli; Pharabod, 1984) escapa dessa mentalidade de gestão que se apresenta cada vez mais como principal critério dentro da nova educação das crianças e dos adolescentes de hoje.

5. No terreno da representação, o virtual obriga o psicanalista a mudar de perspectiva. De fato, no eixo da percepção $\leftarrow\rightarrow$ representação, a civilização do virtual põe o cursor muito mais próximo da percepção que da representação, impondo à percepção do espectador uma quantidade infinitamente maior de ícones (Peirce), que têm suas relações com o mundo real desarticuladas mais ou menos sutilmente.

6. No entanto, simultaneamente, a percepção é convidada a exercitar-se num mundo pseudorreal, o que propõe uma linha de fuga considerável quando a realidade que se apresenta à percepção é dolorosa demais. A passividade da criança é naturalmente solicitada. Podemos, então, falar aqui de *clivagem autonarcísica* (Ferenczi, 1932) ou de *clivagem passiva* (Meltzer, 1973) e nos interessar pelo conteúdo e pelo porvir de cada uma das duas partes clivadas.

7. A parte clivada visível é chamada, pelos *videogames*, à ação e a uma forma bem específica de pensamento, que é a estratégia. Ora, um bom estrategista sabe fazer com que se calem seus sentimentos. O desenvolvimento do pensamento a partir das emoções sofre um belo golpe, assim como os processos de defesa secundários (deslocamento, negação e recalque principalmente).

8. É bem mais difícil ter uma representação da parte clivada invisível, a não ser o fato de que os autores citados anteriormente veem nela tanto o lugar do verdadeiro *self* do sujeito quanto o lugar por excelência dos mecanismos de defesa primários (clivagem, recusa, idealização e projeção identificatória).

9. Essa prevalência da clivagem passiva sobre os mecanismos de defesa secundários da ordem do recalque desempenha um papel importante na desestruturação ou até mesmo no possível desaparecimento da estrutura neurótica.

10. Além disso, o desenvolvimento do *mundo da imagem imposto à percepção visual* transforma o lugar e o papel da linguagem na representação do mundo. O mundo proposto à percepção, sendo um mundo de ícones pré-digeridos, poderíamos dizer que, do ponto de vista do mundo psíquico interno, essas imagens impostas são pseudorrepresentações, nas quais os objetos propostos são pseudoobjetos, cujas relações com os objetos internos do sujeito permanecem desconhecidas e, a rigor, sem importância. É grande a tentação do sujeito de substituir o *mundo psíquico interno da representação ligada emocionalmente aos seus objetos internos pelo mundo da imagem imposto à percepção visual*.



Desse modo, a linguagem interna não precisa mais se desenvolver, diminuindo também seu papel na exploração das relações do sujeito com seus objetos internos.

11. Não penso que possamos considerar o espaço virtual como sendo um espaço transicional, de acordo com o que foi seguidamente proposto. Não creio que Winnicott pudesse concordar com essa extensão de seu conceito. A principal diferença reside na questão da relação de objeto: um objeto transicional tem as qualidades da mãe misturadas com as do sujeito bebê, e, a partir daí, cada protagonista elabora a perda da simbiose primária (Bleger, 1981) e (re)constrói sua identidade. Um objeto virtual tem as qualidades que o programador desejou lhe conferir – certamente, com uma parte de seu inconsciente –, só que o fato de a criança se relacionar com essas qualidades não a dispensa, contundo, de ter de elaborar sua relação com a mãe real.

O psicanalista diante das mudanças na sociedade

Nos últimos vinte anos, tem-se observado uma nítida mudança na população, que, nas metrópoles ocidentais, recorre aos psicanalistas na esperança de aliviar um sofrimento psíquico. É como se o modelo clássico da neurose determinado por Freud correspondesse a um número cada vez menor de pacientes, principalmente nas gerações jovens.

Freud sempre relacionou suas descobertas do funcionamento psíquico com o tecido social dentro do qual observou e tratou seus pacientes. Portanto, não o surpreenderia absolutamente constatar conosco o quanto se modificou a psicopatologia individual nos dias de hoje, ao mesmo tempo em que se desagregam as estruturas sociais e familiares de nossa cidade ocidental atual.

Seja no tratamento de adultos, adolescentes ou crianças, sabemos que a preocupação do psicanalista diz respeito ao desenvolvimento do eu e à melhoria da natureza das defesas que intervêm nas relações do *sujeito* com suas próprias pulsões e com as dos outros. Nessa perspectiva, o trabalho analítico concentra-se essencialmente na compreensão, dentro do *campo analítico* e através da *transferência*, das relações do eu do analisando com seus próprios objetos internos projetados no analista, lembrando-nos de que todos os objetos internos desempenham um papel na constituição e na qualificação do supereu.

É, portanto, legítimo perguntar-se se essas finalidades da psicanálise encontram hoje estruturas, tanto individuais quanto sociais, suficientemente análogas àquelas que Freud analisou há um século, para que o corpus psicanalítico,



ainda que não permaneça o mesmo, possa ao menos servir de referência para nossa exploração do psiquismo humano.

Nos últimos sessenta anos, os psicanalistas ampliaram seus conhecimentos sobre a articulação das pulsões sexuais com as pulsões do eu. A influência da obra de Melanie Klein (1927) permitiu reconhecer a importância do papel do objeto no funcionamento pulsional, especialmente daquele do primeiro objeto de amor e de ódio da criança: a mãe.

Seja pelos conceitos winnicottianos de *holding* e *handling* (Winnicott, 1958), seja pelo conceito bioniano de capacidade de *rêverie* da mãe ou pelo laplanchiano (Guignard, 2006) da sedução materna, considera-se hoje que as orientações e as transformações das pulsões sexuais do bebê na díade que ele forma com a mãe têm participação essencial na organização do primeiro eu da criança. Da escuta que a mãe oferece ao filho, tanto na sua relação com ela como na relação com o pai e os irmãos, dependerá o lugar do indivíduo adulto na sociedade da qual fará parte.

Ao mesmo tempo, os trabalhos pós-freudianos, sobretudo da escola inglesa e da escola argentina, permitiram explorar e tratar regiões do psiquismo mais próximas do funcionamento psicótico que do funcionamento neurótico. Ao longo dos anos, constatou-se que os psicanalistas estavam lidando cada vez mais com uma *patologia dos limites*: limites entre o próprio sujeito e o outro, entre pensar e agir, entre a realidade psíquica e a realidade externa e, nestes últimos anos, entre o virtual e o real. Frágeis e mal delimitados, esses limites se desintegram com maior facilidade porque os próprios limites da sociedade ambiente se tornaram mais maleáveis, fragilizaram-se e desorganizaram-se.

Já está mais do que na hora de deixar de considerar os pacientes *estados-limite* como sendo apenas “diferentes” e apresentando problemas de *indicação e técnica*, e passar a tê-los como uma oportunidade que nos obriga a rever nossos *modelos*.

Por certo, o psicanalista dispõe atualmente de parâmetros teórico-técnicos mais apurados do que na primeira metade do século XX. Ele pode observar e analisar movimentos psíquicos mais complexos, tanto por sua natureza como em suas intricações. No entanto, é preciso fazer a seguinte pergunta: a evolução da sociedade modificará ou não os parâmetros de base do tratamento psicanalítico? Toda a problemática do devir do desejo, da culpa, do recalque e das identificações está contida nessa indagação.



Questionar nossos conceitos

Um século depois da publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905), quando novos ataques virulentos vêm pôr em xeque a pertinência da técnica analítica e do aparelho teórico sobre o qual ela está assentada, é importante que os próprios psicanalistas possam avaliar os principais conceitos de sua disciplina e extrair não só mudanças, mas também invariâncias. Isso conduz às duas questões seguintes:

1. A neurose infantil e a neurose de transferência continuam fazendo parte das invariâncias, hoje como em 1905, no momento da publicação do texto *princeps* em que Freud descobre e descreve a existência e o papel da sexualidade infantil para o funcionamento psíquico?

2. Em caso contrário, quais são os elementos desses dois conceitos que poderiam ser invariantes para os psicanalistas de hoje?

Essa referência aos *Três ensaios* se faz necessária porque, sem as descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil, os próprios conceitos de psicanálise e de neurose perdem todo o seu sentido. Porém, ao mesmo tempo, ela levanta outra questão:

3. O status e o modo de funcionamento da sexualidade infantil no desenvolvimento psíquico humano e na sua psicopatologia são, hoje, exatamente os mesmos de 1905?

Alguns profissionais da psicoterapia optaram pela solução radical de “jogar fora a criança com a água do banho” e mandaram às favas o pensamento psicanalítico para depositar suas esperanças em técnicas que visavam a modificar o comportamento e o modo consciente de fazer funcionar o pensamento.

Outros, entre os quais me incluo, desejam dar seguimento à investigação dos processos inconscientes a partir de suas invariâncias, a fim de estudar o funcionamento psíquico através do qual a pulsão, herdeira humana da sexualidade, encontra suas vias de facilitação para organizar a complexidade de um sujeito no mundo atual.

Não se deveria considerar a teoria psicanalítica como uma rocha inamovível, mas bem mais como um conjunto de modelos, cujas configurações conceituais devem ser constantemente questionadas e requalificadas na medida dos avanços do método e das modificações da técnica (cf. epígrafe) e também à luz da observação das mudanças sociológicas ocorridas desde o nascimento da nossa disciplina. O psicanalista depara-se, assim, com novas responsabilidades e novas exigências técnicas.



***Enfant roi* ou objeto narcísico?⁵**

É a criança que vai sofrer o impacto mais violento do mundo do virtual, é ela que, devido à sua imaturidade emocional e intelectual, já atravessa as dificuldades inerentes ao crescimento para construir uma capacidade de simbolização, a qual, vale lembrar, requer uma relação de três termos: o eu, o símbolo e o objeto simbolizado (Segal, 1957).

Uma criança é naturalmente tributária das gerações que a antecedem e, em primeiro plano, da geração de seus pais. Ora, assiste-se hoje a uma deriva considerável do infantil (Guignard, 1996) dos adultos, que, teoricamente, são encarregados de educar a geração seguinte, mas, na realidade, se servem dos mais jovens para neles projetar e satisfazer seu próprio hedonismo infantil.

Um pai, acompanhado de um menino de quatro anos muito excitado, chega ao caixa de um supermercado, com os braços e o carrinho cheios de brinquedos, por cima dos quais havia uma pizza para duas pessoas, e, complacente, pergunta ao filho: “Bom, pronto? Você pegou tudo o que queria?”.

Essa cena caricaturesca ilustra a primazia que o adulto de hoje dá à satisfação imediata de seus próprios desejos infantis através de sua prole. Falta aí a dimensão essencial de qualquer civilização: um espaço-tempo de latência entre a formação de um desejo e sua satisfação.

Essas mudanças têm causas múltiplas, dentre as quais, evidentemente, eu só poderia apontar aquelas que estão mais próximas da minha experiência clínica. Penso principalmente nas modificações consideráveis das circunstâncias e das pessoas que presidem, no *infans* de quatro a seis meses, a descoberta da alteridade da mãe e a existência do terceiro *paterno*. De fato, a criança ocidental de hoje começa sua vida em sociedade desde muito cedo: já frequenta a creche aos três meses de idade, a pré-escola aos três anos ou mesmo aos dois anos de idade. A impregnação da criança pelo tecido familiar é reduzida a uma parte mínima, por um lado, devido ao curto tempo passado em casa e, por outro, por causa da transformação crescente da estrutura familiar. A família ampliada não está mais ou está pouco próxima do lugar onde vive a criança, e os avós estão muitas vezes separados e/ou ainda exercem uma atividade profissional.

Além disso, a criança se vê cada vez mais obrigada a clivar precocemente seus investimentos parentais, devido à evolução da vida dos casais. Seus genitores muitas vezes permanecem unidos durante um período muito curto, separando-se em seguida e, eventualmente, reorganizando sua vida amorosa cada um de um

⁵ KORFF, S. S. (2006). *L'enfant roi*. Paris: PUF.



lado, em famílias ditas *recompostas*, homossexuais ou heterossexuais, quando a mãe não fica sozinha com a criança, como tem acontecido cada vez mais frequentemente. O *terceiro paterno*, indispensável à criança para sair da simbiose (Bleger, 1981) e organizar uma problemática edípica, toma atualmente, portanto, formas muito vagas e cambiantes, nas quais o grupo social e sua *mentalidade de grupo* substituem o aporte do casal parental de origem.

Impondo essas mudanças radicais e muitas vezes múltiplas aos filhos, os pais não escapam de um forte sentimento de culpa mais ou menos consciente. Eles tentam aliviar essa culpa oferecendo compensações materiais aos seus estimados filhos, na esperança de paliar assim as carências afetivas às quais os submetem. Os reencontros com a criança – durante um fim de semana, uma metade de semana ou a cada quinze dias – reascendem nos pais separados o conflito com o ex-cônjuge, e essas rupturas reiteradas não favorecem muito a continuidade educativa, que tem um conhecido papel a desempenhar na formação do supereu e também do ideal do eu. Mais do que nunca, a criança consegue obter a satisfação imediata de seus desejos materiais, os quais ela aprende a expressar rapidamente no lugar de sua necessidade de escuta e continência. Ela logo tira partido da situação de clivagem que lhe é imposta e joga com os dois lados da sua família de origem dividida.

Além disso, é público e notório o fato de que as falhas da educação familiar colocam os docentes numa situação paradoxal de educadores sem autoridade nem mandato, seguidamente contestados pelos pais, os quais se reúnem por algum tempo breve para reivindicar na condição de genitores da criança com dificuldade escolar ou comportamental.

Latência, recalque e *après-coup*

Ao estabelecer seus modelos – o complexo de Édipo, o complexo de castração, a neurose infantil prototípica da neurose de transferência –, Freud baseou-se em sua descoberta de um desenvolvimento da sexualidade infantil em dois tempos separados por um período dito de latência, no transcurso do qual os interesses pulsionais da criança se desviariam da busca de uma satisfação direta para se voltar mais para o universo dos conhecimentos.

Ponto de referência da organização psíquica em devir, resultante da formação de um supereu ideal através das identificações com os pais e com os representantes das gerações anteriores, o duplo reconhecimento da diferença dos sexos e das gerações constituía a etapa intermediária de identificação com os pais, que eram



os garantes da supremacia do princípio de realidade sobre o princípio de prazer/desprazer. Assim, a puberdade advinha num terreno já *cultivado*, em todos os sentidos do termo, fornecendo limites para o *après-coup* da crise identitária da adolescência.

Ora, no que diz respeito à sociedade ocidental de hoje, essa descrição caducou. Quanto a mim, que estou diariamente à escuta não só das crianças e dos adolescentes, mas também dos adultos que tomam conta deles – pacientes adultos, pais e psicoterapeutas da infância –, posso afirmar que o desenvolvimento psíquico das crianças em nossa sociedade mudou mais durante os últimos quinze anos do que durante os cinquenta anos anteriores a esse período.

Identifiquei a existência de um *consenso* inesperado entre todos os profissionais da psicanálise de crianças e adolescentes que interroguei nos últimos dez anos em vários centros europeus, norte-americanos e latino-americanos: todos eles reconhecem que o período de latência tal como definido por Freud em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, está em vias de extinção no tecido social ocidental atual.

A partir dos anos 70, os psicanalistas viram esmaecer ou mesmo desaparecer a diferença entre os sexos e as gerações, tanto nos laços familiares como nos laços sociais que se estabeleceram entre os indivíduos. A contestação salutar de um determinado modo de educar teve seu efeito perverso: a inibição e a transformação das pulsões deixaram de representar valores reconhecidos e transmitidos para se tornarem antes taras das quais é preciso libertar-se.

Uma vez desvencilhado da função restritiva/continente do rigor educativo, o sadismo primário (Guignard, 2002a) das crianças das novas gerações teve de construir outras barreiras defensivas contra a desintração pulsional. Devido à evolução do núcleo familiar, essas barreiras passaram a ser mais de natureza grupal que familiar, e esse estado de fato traz novos problemas para a sociedade e a comunicação dos indivíduos entre si.

Multiplicam-se as síndromes de hiperatividade, que, ao mesmo tempo que representam um bom negócio para a produção farmacêutica, não são amenizadas, contudo, sem causar danos ao desenvolvimento psíquico dos jovens pacientes (Salomonsson, 2006). Não observamos mais o *resfriamento* da expressão pulsional nas crianças de seis a doze anos, que, em vez de desviar suas pulsões sexuais para atividades de sublimação, manifestam uma excitabilidade tão grande quanto as crianças de três a cinco anos, em idade dita *edípica*, ao mesmo tempo que imitam desafiadoramente as atitudes e os comportamentos sexuais dos púberes, dos adolescentes e dos jovens adultos. É legítimo, portanto, considerar que a situação



atual põe em xeque a centralidade do conceito de *neurose* como modelo econômico do desenvolvimento psíquico.

Consequências no tratamento psicanalítico

Isso quer dizer que a psicanálise caducou como método terapêutico e investigativo do psiquismo humano? Não é absolutamente o que eu penso. Tentarei examinar brevemente, por três ângulos principais, as consequências de tal situação do ponto de vista da abordagem psicanalítica da criança:

1. Ângulo fenomenológico;
2. Ângulo dinâmico e econômico;
3. Ângulo tópico e estrutural.

1. Ângulo fenomenológico

As pulsões epistemofílicas não se organizam mais essencialmente em torno da fantasia originária da cena primitiva que orienta a curiosidade e o desejo de compreender para a soma de conhecimentos possuídos – em fantasia ou em realidade – pelo casal de genitores e, mais aquém, pela história do pensamento humano. Em vez de se desenvolverem no sentido da aquisição da capacidade de simbolização e drenadas pelo formidável desenvolvimento do mundo virtual, essas pulsões orientam-se, antes de tudo, para a ação, que, como sabemos, exige um sistema de lógica binária.

Ora, conduzindo diretamente à atuação da solução selecionada, o sistema de lógica binária leva de volta o sujeito ao nível primário do princípio de prazer/desprazer, tal como Freud o descreveu em 1925: “bom de engolir, ruim de cuspir” (Freud, 1925, p. 83). Essa solução pela ação, que provoca um curto-circuito temporário na angústia do desconhecido e na angústia de morte e as evacua, tem várias consequências, das quais as principais são as seguintes

- a) O desinvestimento do enigma da esfinge – o tempo linear e a finitude da vida humana – em proveito do sobreinvestimento do agir imediato, vivido como atemporal;
- b) O recrudescimento da recusa do princípio de realidade e, em primeiro lugar, da realidade da morte do indivíduo;
- c) Correlativamente, os mitos de transformação e de renascimento privilegiam a qualidade tecnológica da mutação, em detrimento da qualidade relacional.



Todavia, esse novo equilíbrio defensivo que inclui o virtual quase não é eficaz. A criança que se refugia nos jogos de proezas e combates de seu *videogame* não consegue mais sair dali, sob pena de reencontrar sua angústia, que é tanto mais primária quanto mais ela entrar numa realidade ainda não digerida. O psicanalista deverá percorrer pacientemente seu caminho a partir dessas ficções, até alcançar as angústias existenciais classicamente propostas pela dialética fantasia/realidade do ser humano.

2. Ângulo dinâmico e econômico

Esse desinvestimento da vida psíquica interna é acompanhado por uma patologia do recalque e, por conseguinte, por uma desorganização do desenvolvimento em dois tempos descrito por Freud em seu modelo da neurose infantil. O *après-coup* (*Nachträglichkeit*), tal como Freud o entendia, não se constitui mais do mesmo modo, uma vez que as formas infantis da sexualidade permanecem continuamente manifestas entre a idade do Édipo e a puberdade.

Observa-se principalmente uma excitabilidade ilimitada da genitalidade infantil, caracterizada por um mimetismo da sexualidade adulta, expressão direta da recusa da diferença entre as gerações. As crianças não vivem mais sua infância, e podemos nos perguntar se sua aparente supermaturidade não é muitas vezes uma pseudomaturidade. De fato, os afetos depressivos são evacuados na hiperatividade – até chegar ao *burn out* ou ao *break down* suicida.

3. Ângulo tópico e estrutural

Os elementos edípicos, presentes e ativos a partir da segunda metade do primeiro ano de vida, não se organizam em complexo de Édipo, assim como a problemática da castração não se estrutura em verdadeiro complexo de castração. A relação de intimidade, pedra angular de uma estrutura psíquica verdadeiramente genital, não poderá tomar seu lugar na segunda parte da adolescência e no início da vida sexual adulta. Ela será substituída pela perenidade dos valores fálicos e grupais que são a busca da proeza, numa mentalidade voyeurista/exibicionista.

O modo de funcionamento desses jovens pacientes apresenta não só analogias, mas também diferenças em relação àquele que a Escola Francesa de Psicossomática designou como *pensamento operatório* (Marty, 1991). Uma das diferenças reside na *reconquista especular* que eles conseguem efetuar às vezes, quando encontram um *espelho psíquico* suficientemente próximo e disponível em seu entorno ou no analista. Nesse aspecto, seu modo de pensamento me lembra o dos autistas e também, em certa medida, o da *mentalidade de grupo* descrita por Bion.



Isso me faz pensar, sobretudo, no funcionamento por lógica binária, como descrevi anteriormente acerca da inteligência artificial e do virtual. A partir desse parâmetro, eu gostaria de apontar brevemente as dificuldades com as quais as crianças de hoje confrontam seus psicanalistas.

Consequências para a clínica psicanalítica

Diante dessa nova distribuição dos elementos constitutivos do funcionamento psíquico, com o recurso endêmico ao nível primário das defesas do eu (clivagem, recusa, idealização, projeção identificatória) que o virtual constitui na cultura atual, enquanto o nível secundário das defesas (defesas ligadas ao recalque secundário, Freud, 1915-[1917]) míngua da noite para o dia, o psicanalista encontra duas ordens de dificuldades:

- a) Dificuldades de ordem contratransferencial;
- b) Dificuldades de ordem técnica.

Dificuldades de ordem contratransferencial

Nossa análise pessoal nos deu a capacidade de tomar consciência dos elementos de nosso próprio infantil quando ele entra em ressonância com o infantil do nosso analisando, seja qual for a idade deste, e, *a fortiori*, com o infantil de nossos pacientes crianças. Somos capazes, portanto, de ir e vir cruzando a barreira analisada de nosso próprio recalque ou mesmo de nossas próprias clivagens. Todavia, nosso movimento interno funciona principalmente segundo um modelo neurótico: o da nossa neurose de contratransferência. É especialmente esse modelo que é responsável pela transformação de nossas teorias sexuais infantis naquilo que se tornou nossa teoria analítica implícita.

Por certo, o treinamento que adquirimos no uso de nossa projeção identificatória⁶ – em princípio, normal – vai substituir esse funcionamento neurótico. Mas ele nos conduzirá, então, a inevitáveis e indispensáveis pontos cegos em nossa contratransferência (Guignard, 2002b). Esses pontos cegos nos levarão a pensar – ou mesmo a agir verbalmente – em projeção identificatória

⁶ Emprego essa tradução para *projective identification* por me parecer mais correta que a tradução habitual *identificação projetiva*.



com aquele objeto interno do paciente que seja mais ativo – não necessariamente o mais manifesto – na cena analítica do momento⁷.

Essa tensão entre nosso próprio infantil analisado e aquele do nosso paciente é indispensável para a manutenção e a análise da relação analítica. Quanto mais encontrarmos mecanismos de defesa arcaicos, em vez do recalque secundário, mais difícil será essa tensão. Isso constitui uma das principais dificuldades do exercício da psicanálise com as crianças e explica a considerável resistência de nossa comunidade psicanalítica a essa prática.

Uma de nossas saídas defensivas mais frequentes consiste em fazer uso de *interpretações-tampões* (Guignard, 2002c), para as quais recorremos, principalmente,

- a) à evocação da história pessoal do analisando e à representação aleatória que fazemos das pessoas reais dessa história,
- b) aos nossos conhecimentos teóricos e, por conseguinte, à nossa própria teoria analítica implícita.

O analista sai de um ponto cego num movimento de protesto identitário através do qual ele se libera de sua projeção identificatória com os objetos internos do paciente. Esse protesto identitário é particularmente acionado quando o paciente faz um uso patológico dos mecanismos primários de organização de seu eu, sob forma de regressão a um estado passageiro de confusão durante a sessão.

Em outras palavras, a desintração pulsional do paciente gera no analista um movimento de recusa da angústia de morte, que constitui o *primum movens* do desenvolvimento psíquico.

Confrontado com essas configurações, particularmente presentes e ativas na criança e no adolescente, o psicanalista deverá efetuar um importante trabalho autoanalítico para restaurar sua capacidade de *rêverie*, atividade pré-consciente que, a meu ver, tem sua ilustração *princeps* no “Pai, você não vê...” do sonho relatado por Freud (1900, p. 220). Destaco o fato de que essa capacidade de *rêverie* é a expressão de um psiquismo adulto, com o complexo de Édipo organizado.

O objetivo primordial da análise torna-se, então, favorecer a atividade de simbolização no paciente, introduzindo desse modo o terceiro indispensável ao desenvolvimento neurótico-normal.

No entanto, nossas capacidades de identificação com as crianças das gerações atuais e futuras podem ser abaladas pelas profundas modificações de

⁷ O conceito de *ponto cego na contratransferência* aproxima-se do conceito de *contraidentificação projetiva*, de L. Grinberg, sem, contudo, sobrepor-se totalmente a ele.



sua visão de mundo, na qual a capacidade de simbolizar talvez possa ter um papel menor que no passado, diante da importância que o mundo virtual assume para essas crianças. Em outras palavras, será que nosso objetivo como psicanalistas – ajudar a instaurar e a organizar uma vida psíquica interna, isto é, aquilo que existe de mais íntimo e pessoal num indivíduo – continuará sendo visto com algum interesse pelas gerações futuras, capturadas por uma globalização de esquemas virtuais oferecidos prontos?

Dificuldades de ordem técnica

No mundo em que vivem as crianças e os adolescentes de hoje prevalecem

- a) a expressão do virtual em detrimento da expressão das fantasias;
- b) o uso de um sistema binário de equação simbólica – ou, se preferirmos fazer referência a Peirce, de índices e ícones – em detrimento do uso de uma simbolização em três termos.

Quais são as ferramentas técnicas que o psicanalista pode utilizar para estabelecer relações entre esses dois modos de funcionamento, tão diferentes um do outro? Penso que a globalização do sistema de lógica binária utilizado nas imagens virtuais representa, para os psicanalistas, a oportunidade de considerar sob uma nova perspectiva as pesquisas que foram realizadas sobre o mundo do autismo. Refiro-me, em particular, aos trabalhos de Meltzer (1975), de Tustin (1972, 1981, 1986) e de Haag (1985). Já está em tempo de a psicanálise voltar toda a sua atenção para essa outra forma de inteligência e de *Weltanschauung*, sem, contudo, abandonar seus parâmetros psicanalíticos e, principalmente, a teoria do pensamento elaborada por Bion (1961).

Hoje, não basta identificar *partes psicóticas* e *barreiras autísticas* em crianças e adolescentes que continuamos a considerar com base num desenvolvimento neurótico clássico. Deveríamos nos empenhar em compreender com suficiente aprofundamento aquilo que, no mundo da lógica binária do virtual, age como um atrator tão poderoso sobre os jovens pacientes, permitindo-lhes evitar o trabalho psíquico de simbolização ligado à interiorização do objeto e, portanto, à elaboração da perda deste objeto.

Nessa perspectiva, e se ainda acreditamos na força de intricação pulsional que a *talking cure* constitui, torna-se particularmente importante nos debruçarmos sobre as patologias do sadismo primário, expressão primordial da intricação das pulsões de vida e de morte, como tão bem descreveu Klein (1927) em relação às tendências criminais, que causam cada vez mais problemas em nossa sociedade.

Resultando dessa primeira intricação, a organização do sadismo oral e anal é o período por excelência em que a influência da organização pulsional do mundo



adulto exerce sua ação sobre a organização psíquica da criança. É também, a meu ver, o momento em que o mundo virtual propõe sua escapatória onipotente e maniqueísta aos nossos jovens pacientes.

Além disso, na ausência de um verdadeiro período de latência, o psicanalista das crianças de hoje deve aprender a escutar os micromovimentos de *après-coup* que se efetuam no campo analítico. Na verdade, é como se as crianças tivessem de encontrar um novo modo de transformar sua excitação sexual, sem recorrer essencialmente ao recalque. O risco reside, certamente, no uso preferencial dos mecanismos de defesa primários.

Conclusão

A psicanálise de crianças é uma prática de ponta no plano terapêutico e constitui, por essa razão, o campo mais avançado da pesquisa em psicanálise. Seremos, pois, os primeiros a descobrir as estruturas psíquicas que as crianças de hoje e os adultos de amanhã organizarão no lugar da neurose infantil que conhecemos até agora.

Não devemos perder essa oportunidade sob hipótese alguma. Para isso, devemos ajustar nossos meios de observação e, sobretudo, usar plenamente os elementos de psicanálise desenvolvidos pelos continuadores da obra freudiana, Klein e Bion em particular. Por exemplo, creio que conceitos tais como a *posição depressiva central*, de Klein, e a relação *continente/conteúdo*, de Bion, ainda podem nos servir de referências fundamentais em nossa prática cotidiana, pois as gerações futuras estão mais do que nunca ameaçadas de entrar em colapso, principalmente porque a sociedade de hoje e de amanhã não se destaca por um excesso de atividade psíquica continente.

Todavia, se desejarmos manter nosso melhor nível de escuta, *sem memória nem desejo*, de Bion, teremos de suspender nossas perspectivas teóricas clássicas, pelo menos aquela do modelo da neurose como referência da normalidade, e resistir à tentação de fechar o nosso campo de pesquisa, substituindo-o por outro modelo já conhecido para amenizar nossa angústia.

Nem por isso podemos deixar de nos referir a esse mundo psíquico interno que constitui nosso material específico, tampouco deixar de investi-lo. Nessa perspectiva, devemos nos interessar, durante um tempo suficientemente longo, pela cena do virtual que a criança nos propõe, para que os *objetos inanimados* que a constituem adquiram *uma alma* (Lamartine, 1826). É à custa disso que tais



objetos deixaram de ser objetos pré-fabricados para se tornarem representantes das emoções, ao invés de serem apenas evacuações em forma de ações. Contudo, devemos ser mais cautelosos do que nunca: neste novo contexto, se estabelecermos relações demasiadamente apressadas entre os interesses da criança e a situação de transferência, o campo analítico pode perfeitamente encolher como uma pele de onagro⁸, fazendo surgir inevitavelmente o risco de uma reação terapêutica negativa. A interpretação prematura da transferência, nesse novo modo de funcionamento psíquico, age como uma sedução sexual e inibe muito rápido o mecanismo de base do desenvolvimento psíquico que o deslocamento constitui.

Chandolin, 24 de agosto de 2009. □

Abstract

Reflections of a psychoanalyst on children in today's western society

This paper investigates the consequences of the structural changes in western society by focussing on the impact of communication technology and increasingly fragile family structures. It describes the dissolution of social relations and intimate human relationships, which are thought to undergo a process of de-symbolization. This undermining of human relationships is supposed to confront individuals with new demands on the economic aspect of their instinctual drives and with new kinds of anxiety. The author argues that the globalization of virtual communication radically changes the connection with reality and truth, and that the risk of “group mentality” in contrast to personal responsibility is increased. Special emphasis is given to the vanishing of the latency period in contemporary society. For Freud the latency period – a hundred years ago – was the basis of diphasic sexual development, repression and *Nachträglichkeit*, which his theory of infantile neurosis and transference neuroses was built upon. The paper discusses the consequences of the contemporary changes for clinical work and theory today as well as the impact of these changes on the transference/counter-transference situation in the analytical treatment of children and adolescents.

⁸ N.T.: Referência ao romance de Honoré de Balzac, *Peau de Chagrin*, traduzido em português com o título *Pele de Onagro*. É a história de Rafael de Valentin, que vem a possuir uma pele de onagro. Essa pele misteriosa, cuja origem pode ser oriental, permite a satisfação de todos os desejos, porém vai diminuindo de tamanho, enquanto também diminui o tempo de vida de seu possuidor.



Florence Guignard

Keywords: Western society today. Virtual communication. Symbol formation. Latency period. Model of neurosis. *Nachträglichkeit*.

Resumen

Reflexiones de una psicoanalista sobre el niño en la sociedad occidental de hoy

Este trabajo investiga las consecuencias de los cambios estructurales en la sociedad occidental, enfocando el impacto de la tecnología de comunicación y estructuras familiares cada vez más frágiles. Describe la disolución de relaciones sociales y relaciones humanas íntimas que se considera sufran un proceso de desimbolización. Esta erosión de las relaciones humanas enfrenta a los individuos a nuevas demandas en el aspecto económico de sus instintos pulsionales y a nuevas formas de ansiedad. La autora argumenta que la globalización de la comunicación virtual cambia radicalmente la conexión con la realidad y la verdad, y que el riesgo de “mentalidad de grupo”, en oposición a responsabilidad personal está en aumento. Se subraya especialmente el desaparecimiento del periodo de latencia en la sociedad contemporánea. Para Freud, el periodo de latencia – hace cien años – se basaba en el desarrollo sexual difásico, represión y *Nachträglichkeit*, cimientos de la elaboración de su teoría de neurosis infantil y neurosis transferencial. El trabajo discute las consecuencias de los cambios contemporáneos para la clínica y teoría hoy, así como el impacto de estos cambios en la transferencia/contratransferencia en el tratamiento analítico de niños y adolescentes.

Palabras llave: Sociedad occidental hoy. Comunicación virtual. Formación de símbolos. Periodo de latencia. Modelo de neurosis. *Nachträglichkeit*.

Referências

- BION, W. R. (1959). *Recherches sur les petits groupes*. Paris: PUF, 1965.
_____. (1961). Une théorie de la pensée. In: *Réflexion faite*. Paris: PUF, 1983.
BLEGER, J. (1981). *Symbiose et ambiguïté*. Paris: PUF.
CASTORIADIS, C. (1996). La montée de l'insignifiance. In: *Les carrefours du labyrinthe*. v. 4. Paris: Seuil.



- FERENCZI, S. (1932). Confusion de langues entre les adultes et les enfants, Le langage de la tendresse et de la passion. *Psychanalyse*, v. 4. Paris: Payot 1982. p. 125-135.
- FREUD, S. (1900). *L'interprétation des rêves*. Paris: PUF, 1967.
- _____. (1905). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard, 1962.
- _____. (1915). *Vue d'ensemble des névroses de transfert*: un essai métapsychologique. Paris: Gallimard, 1985.
- _____. (1915 [1917]). Métapsychologie. In: *Oeuvres complètes*. v. 13. Paris: PUF, 1988.
- _____. (1925). La négation. In: *Oeuvres complètes*. v. 17. Paris: PUF, 1992.
- GUIGNARD, F. (1990). Devenir adulte? Apprendre l'incertitude. In: ALLÉON, A. M.; LÉBOVICI, S. et al. (Ed.). *Devenir adulte?* Paris: PUF. p. 123-141.
- _____. (1996). *Au vif de l'infantile*: réflexions sur la situation analytique. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- _____. (2002a). Le sadisme au service de la vie. De la morsure au clivage, de l'expulsion au déni, de la rétention à la transformation psychique. *Rev. Franç. Psychanal.* 4/02.
- _____. (2002b). Les concepts métapsychologiques de troisième type. In: BARANÈS, J.-J.; SACCO, F. et al. *Inventer en psychanalyse*: construire et interpréter. Paris: Dunod, p. 99-113.
- _____. (2002c). Apories de la transformation dans l'activité psychique du psychanalyste en exercice: taches aveugles et interprétations-bouchons. *Revue Française Psychanal.*, v. 66, n. 5, p. 1653-1659.
- _____. (2006). La pensée de Jean Laplanche: convergences et apories. *Psychiatrie Française*. v. 37, n. 3, p. 90-109.
- _____. El psicanalista el niño em la sociedad occidental de hoy In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE, 45., 2007, Berlim: IPA. Não publicado.
- HAAG, G. (1985). Psychothérapie d'un enfant autiste: approche psychanalytique de l'autisme infantile, *Lieux de l'Enfance*. n. 3. p. 65-78.
- KLEIN, M. (1927). Les tendances criminelles chez les enfants normaux. *Essais de psychanalyse*. Payot: Paris, 1967. p. 211-228.
- KORFF, S. S. (2006). *L'enfant roi*. Paris: PUF.
- LAMARTINE, A. de. (1826). Milly ou la terre natale. In: *Harmonies poétiques et religieuses*. Paris: Gallimard, 1963.
- MARTY, P. (1991). *Mentalisation et psychosomatique*. Paris: ADAGP.
- MELTZER, D. (1973). *Les structures sexuelles de la vie psychique*. Paris: Payot, 1977.
- MELTZER, D. et al. (1975). *Explorations in autism*. Perthshire: Clunie.
- ORTOLI, S.; PHARABOD, J.-P. (1984). *Le cantique des quantiques*. Paris: La Découverte.
- SALOMONSSON, B. (2006). The impact of words on children with ADHD and DAMP. *Int. J. Psychoanal.*, v. 87, n. 4, p. 1029-1047.
- SEGAL, H. (1957). Notes sur la formation du symbole. *Revue Française Psychanal.*, v. 34, n. 4, p. 685-696, 1970.
- TISSERON, S. (2006). *L'enfant au risque du virtuel*. Paris: Dunod.
- TURKLE, S. (1997). *Life on the screen*: identity in the age of the internet. New York: Simon & Schuster.
- TURKLE, S. (2009). Simulation and its discontents. In: CLANCEY, W. J.; HELMREICH, S.; LOUKISSAS, Y. A. et al. (Ed.). *Essays*. Boston: MIT.
- TUSTIN, F. (1972). *Autism and childhood psychosis*. London: Hogarth.
- _____. (1981). *Autistic states in children*. London: Routledge.



Florence Guignard

_____. (1986). *Autistic barriers in neurotic patients*. London: Hogarth.

WINNICOTT, D. W. (1958). *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1969.

Recebido em 11/02/2011

Aceito em 02/03/2011

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

Florence Guignard

Square d'Orleans – Pavillon 7, 80 rue Taitbout,

75009 Paris, França

e-mail: flogui2@club-internet.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA